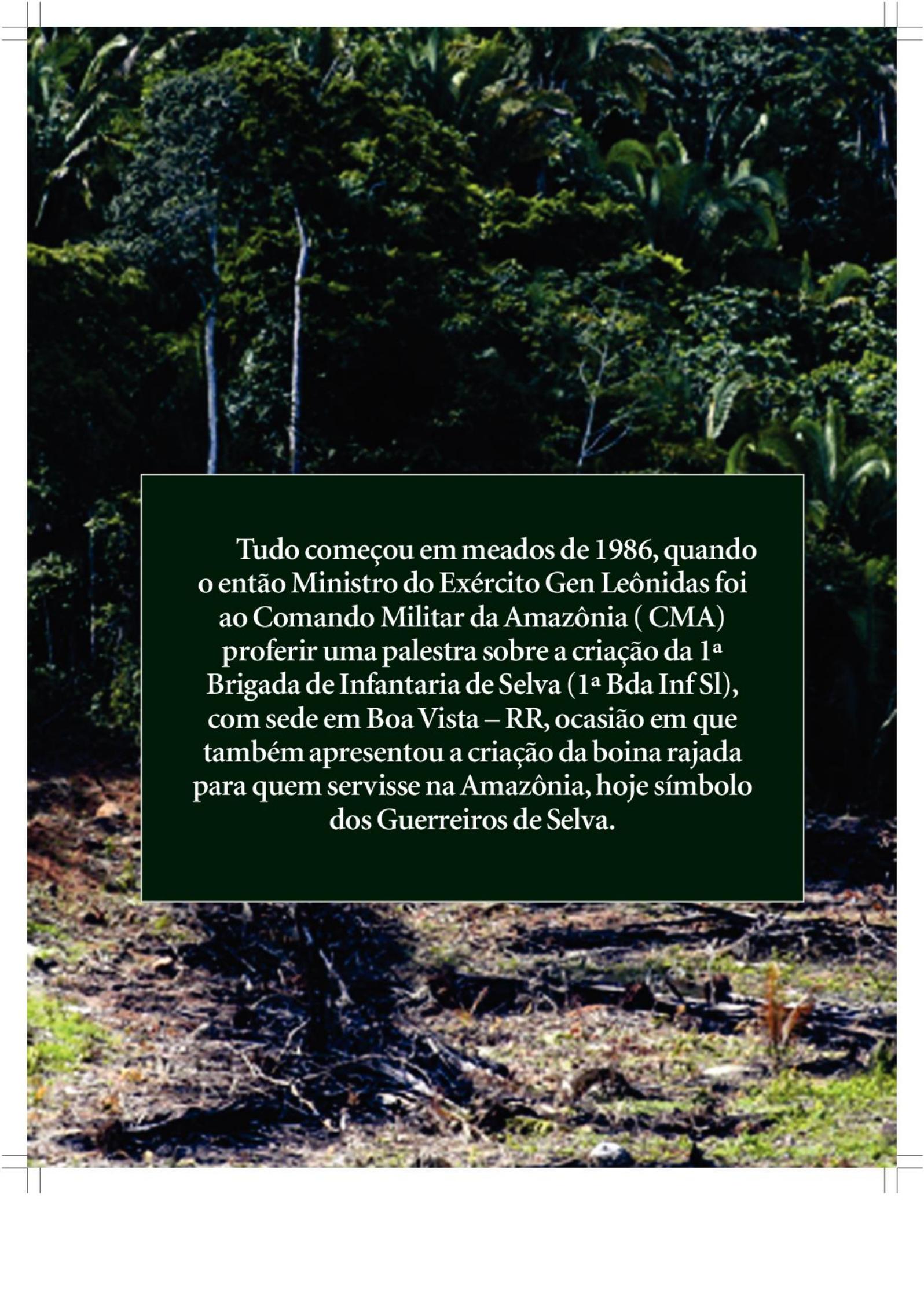


TIRO DE ARTILHARIA NA SELVA AMAZÔNICA



Paulo Roberto Corrêa de Assis



Tudo começou em meados de 1986, quando o então Ministro do Exército Gen Leônidas foi ao Comando Militar da Amazônia (CMA) proferir uma palestra sobre a criação da 1ª Brigada de Infantaria de Selva (1ª Bda Inf SI), com sede em Boa Vista – RR, ocasião em que também apresentou a criação da boina rajada para quem servisse na Amazônia, hoje símbolo dos Guerreiros de Selva.

Durante a apresentação, no auditório do CMA, foi projetado o organograma da Bda Inf Sl sem o seu Grupo de Artilharia orgânico. Durante o debate, apresentei-me como Subcomandante (SCmt) do CIGS e questioneei a ausência do Grupo de Artilharia de Selva, orgânico das Brigadas, que nem pontilhado estava, como criação futura. Ocasão em que o Ministro Leônidas me respondeu: “TC Paulo Assis, o dia que me comprovarem o



Ministro
Leônidas Pires Gonçalves

TIRO DA ARTILHARIA NA SELVA, eu darei ordem para pendurar o Gp Art Sl, orgânico, no organograma das Bda Inf Sl, enquanto isto não ocorrer, não será criado”.

Acatei calado e fiquei com a ideia fixa, já que havia escrito um artigo sobre como seria o emprego da Artilharia na Selva e que, quando fosse comandar, teria a chance de comprovar o Tiro da Artilharia na Selva.

Em 1988, assumi o comando do 8º Grupo de Artilharia de Campanha Paraquedista (8º GAC Pqdt) e a oportunidade surgiu, por ser a Bda Inf Pqdt apta a operar em todo o território nacional, incluindo a **Amazônia**. Levei a ideia ao Gen Pedroso, Cmt da Bda Inf Pqdt que ordenou ao E/3, Maj Mattos, que cedesse uma aeronave C-130-Hércules para o Grupo fazer a experiência, dentro dum exercício do 26º BI Pqdt em Manaus-AM, comandado pelo Cel Gileno, que cordialmente e em defesa da grandeza da causa cedeu uma aeronave para que pudéssemos comprovar tecnicamente o tiro de Artilharia na selva amazônica.

Assim foi feito e tivemos, então, a grande oportunidade que foi constatada através do Relatório enviado pela Bda Inf Pqdt ao Estado-Maior do Exército (EME).

Pudemos comprovar tecnicamente o TIRO, tanto embarcado em Balsas da Companhia Especial de Transporte (Cia Esp



Embarque do material para o cumprimento da missão

Trnp) (quando da inexistência de praias de rio nas enchentes), como, também, o tiro nas praias de rio (que surgem durante as vazantes), com o transporte das peças desmontadas de artilharia, das balsas para as “voadeiras” e a consequente montagem dos obuseiros OTTO MELARA na maioria em terra firme.

Isso fizemos com uma peça de artilharia completa, Central de Tiro e Levantamento Topográfico, utilizando-se do caminhamento margeando o rio, visto que as escalas das cartas na Amazônia, na maioria, são na escala 1/100, quando muito 1/50. Ainda mais que a Guerra na Selva se desenrola ao longo do leito dos rios, onde os alvos (objetivos) estarão nas cidades ribeirinhas.



Lançamento perfeito



Obuseiro pronto para o lançamento

Observação
avançada feita em
lanchas muito velozes
ou "voadeiras"



A Observação foi um caso à parte, em razão da dificuldade de observar os tiros devido à densa vegetação. Utilizamos tanto a observação aérea(Hlcpt da FAB), como a observação avançada em "voadeiras". Empregamos a correção em alcance pela escuta regressiva pelo som e as correções em direção, também pelo som, com os observadores posicionados na axial do tiro, fazendo as correções ora para a direita, ora para a esquerda, até trazer o tiro para a axial.

A operação foi um sucesso e se encontra publicada no BI da Bda Inf Pqdt com um minucioso relatório encaminhado ao EME. A aprovação pelo EME foi tamanha que recebi, do Min Leônidas, um "rádio" cumprimentando pelo sucesso da operação e informando que, agora sim, ele criaria os Gp Art Sl orgânicos das Bda Inf Sl. Assim foi feito.

No ano seguinte, em 1989, com o total apoio do Cmdo da Bda Inf Pqdt, dentro do planejamento anual da Instrução, partimos para a comprovação tática do

Tiro, desta vez, transportando para a Amazônia uma Bateria de Obuses completa (1 BO Pqdt), com a Central de Tiro e a Turma Topo do Grupo e mais uma turma de observadores liderados pelo Sub Cmt Maj Omar Kristochek, tal a importância quanto à segurança.

Diga-se de passagem que, no afã do tiro embarcado na balsa, uma das peças se desamarrou e caiu nas águas do Rio Preto da Eva e foi recuperada pelos artilheiros que, de imediato, mergulharam e, amarrando-a com cordas, a trouxeram, a braços, para a margem.

A missão continuou com uma luneta reserva, único dano material.

Presto aqui um parêntese para prestar uma homenagem póstuma ao 2º Ten R2 Pqdt Sidnei Antônio dos Santos Júnior

Tudo deu certo, à exceção da perda do Ten Sidnei, que faleceu com um estilhaço de granada que varou o seu pulmão, acontecimento que passo a narrar.

Estava eu na Observação Aérea quando recebi a mensagem do S/3 do Grupo, Maj Hamilton Mourão, que o Ten Sidnei tinha sido atingido por uma granada, na margem do Rio Preto da Eva onde realizava a observação avançada.

Desloquei-me para o local e, ao o sobrevoar, o Maj Omar me sinalizou que já estava se dirigindo de voadeira para Manaus, com o corpo do Tenente já sem vida.

Do alto do helicóptero, passei o Comando para o Maj Mourão prosseguir na Missão e fui para Manaus receber o corpo. Apresentei-me ao Cmt CMA, Gen Santa Cruz, e ao ChEM, Gen Thaumaturgo, e providenciamos o traslado do corpo para o Rio de Janeiro.

Telefonei para o Gen Pedroso, Cmt Bda Inf Pqdt, que me confortou dizendo:

- “Só acontece com quem faz, se os obuses estivessem na garagem, não teria acontecido”.

Tratava-se do 2ºTen Pqdt R2 Sidnei, excelente oficial, vibrador ao extremo, que deixou a vida no estrito cumprimento do dever.

Minha preocupação com a segurança era tanta, que coloquei o Sub Cmt Maj Omar chefiando a turma de Observadores. Uns observavam embarcados nas voadeiras no leito do rio, enquanto outros na margem oposta em terra firme, cujo alvo era a confluência do Rio Preto da Eva com um seu afluente, tudo dentro da margem de segurança.



Obus Otto Melara atirando das margens arenosas de um igarapé

Os obuseiros na balsa em
posição de tiro



A beleza e os perigos da floresta amazônica. Um dos
cenários das operações na selva

Aconteceu que, com a sua peculiar vibração e na ânsia de não perder o impacto dos tiros, o Ten Sidnei se descuidou e aproximou-se demais dos impactos das granadas e um estilhaço ricocheteou no tronco de uma árvore e o atingiu no peito.

Perdemos ali, em solo Amazônico, cumprindo o seu dever, o nosso guerreiro alado. Que Deus o tenha no Exército dos Céus!

Em Manaus, preparado o corpo, foi trasladado para o Rio de Janeiro e eu o acompanhei para ser entregue à família e providenciar o sepultamento com todas as homenagens póstumas.

Ocorreu que, no Rio de Janeiro, procuramos a família e, qual a nossa surpresa, constatamos que o ele não tinha família, a não ser a sua “mãe de criação”, com quem morava, e já bastante senil.

Fizemos as honras fúnebres militares, sem a presença de familiares, mas com todos os artilheiros páraquedistas presentes, dignas de um Herói.

Posto isso, mandei verificar quais seriam seus herdeiros mas nova surpresa, ele não havia declarado nenhum beneficiário, pois não os tinha, nem mesmo a sua “mãe de criação”. Fizemos de tudo para que ela ficasse com seus proventos como pensionista.

Mandei verificar o porquê da falta de familiares e, aí, veio à tona a vida pregressa.

Quando ele nasceu, sua mãe biológica, que nunca mais se apresentou, colocou-o de madrugada na porta de um banco. Quando os funcionários chegaram para o trabalho se depararam com o neném na porta do Banco e o levaram para dentro, chamando a Polícia.

Como ele seria entregue para uma creche do governo, a avó postiça de um dos funcionários se ofereceu para ficar com ele e assim foi determinado pelo Juiz da

Comarca. Ela passou a ser sua “mãe de criação”, que o criou com todo o zelo, lhe deu educação, ingressou na Faculdade e chegou gloriosamente ao oficialato como Ten R2 do Exército Brasileiro.

Essa é a história desse bravo e herói guerreiro alado. Quem o conheceu é testemunha das suas excelsas qualidades.

Como homenagem póstuma demos o nome do Pátio de Formatura do 8º GAC Pqdt de Pátio Tenente Sidnei.



Assim, o legado do Ten Sidinei está gravado na história do 8º GAC Pqdt:

– A comprovação do Tiro de Artilharia na Amazônia, onde perdeu a vida o Ten Art Pqdt Sidnei, em contrapartida deu origem aos Grupos de Artilharia de Selva, deixando-nos esse legado.

– Uma história de vida cujo anonimato veio corroborar ser o nosso Exército aquele que acolhe brasileiros de todas as classes sociais.

Órfão, e esse de pai e mãe teve no exército a sua família.

Esse é o nosso Exército!



Pátio Tenente Sidnei

Brasil Acima de Tudo! Selva!

Currículo

O General de Brigada Paulo Roberto Corrêa Assis é natural da cidade do Rio de Janeiro, onde nasceu no dia 04 de fevereiro de 1942, tendo sido declarado Aspirante-a-Oficial de Artilharia, em 19 de Novembro de 1964.

Como oficial intermediário, realizou os seguintes cursos: Instrutor de Educação Física, na Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx); Curso Básico de Paraquedista; Curso de Mestre de Salto e Salto Livre, todos do Centro de Instrução Paraquedista Gen Penha Brasil (CIPqdt GPB); Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO); Operações de Informações (EsNI).

Como Oficial Superior, realizou na Escola de Estado-Maior do Exército (ECEME), o Curso de Comando e Estado-Maior (CEEM) e o de Política, Estratégia e Alta Administração do Exército (CPAEx). Foi instrutor de Educação Física dos Colégios Militares do Rio de Janeiro e de Fortaleza, e ainda, no CI Pqdt GPB. Comandou o 8º GAC Pqdt. Exerceu a função de Chefe de Estado-Maior da 12ª RM. Foi Subcomandante e Subdiretor de Ensino do GIGs e também adido do Exército junto as Embaixadas dos EUA e do Canadá. Como Oficial-General, foi Chefe de Estado-Maior do Comandante Militar da Amazônia.

Dentre as principais missões no exterior, destacam-se:

- Missão conjunta com o Exército Francês em Caiena.
- Intercâmbio Doutrinário entre Exército do Brasil e dos EUA.
- Integrante da Comitativa do Exército encarregado dos estudos para a criação do Hospital de Campanha Móvel junto ao Exército Francês. Possui vários artigos escritos na Military Review, na revista do Exército Brasileiro e nas revistas do Clube Militar, em especial, em Defesa da Amazônia. Foi o mentor do Tiro de Artilharia na Selva, origem dos atuais Grupos Orgânicos das Brigadas de Infantaria de Selva.